

Credores reduzem linhas de curto prazo

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON - Credores japoneses japoneses reduziram nos últimos dias linhas de crédito tradicionalmente aberta à Petrobrás para operações de importação, agravando os já crescentes problemas da estatal brasileira no mercado financeiro internacional. "Isso aqui está cheio de rumores sobre a situação financeira da Petrobrás. Se continuarem os problemas, o único jeito para a estatal financiar suas importações será pedir ajuda ao Banco do Brasil. O pior é que o BB não parece em condições de ajudar", disse ontem um banqueiro de Nova Iorque, refletindo um certo clima de apreensão quanto à saúde da maior empresa do Brasil.

A Petrobrás tem normalmente linhas de crédito de curto prazo disponíveis em bancos estrangeiros no valor de aproximadamente US\$ 2 bilhões. Fontes do mercado disseram ao **JORNAL DO BRASIL** que as restrições a essas linhas de crédito, contando com a última, já reduziram o total disponível em pelo menos US\$ 350 milhões. Uma avaliação interna da própria Petrobrás indica que, se a redução chegar a US\$ 500 milhões, a empresa entraria numa situação crítica, ficando fora de condições de manter o abastecimento normal de derivados de petróleo no mercado interno.

Embora haja rumores de que as restrições de crédito à Petrobrás estejam relacionadas com as preocupações dos banqueiros estrangeiros sobre a situação política do país, as fontes consultadas descartaram essa hipótese. O problema é puramente técnico: as análises financeiras da Petrobrás indicam que a empresa está tra-

balhando com preços desfasados no mercado brasileiro e corre o risco de enfrentar uma crise de grandes proporções.

Restrições — Outras linhas de crédito de curto prazo do Brasil também estão sofrendo com a hesitação de banqueiros internacionais, mas as fontes de Nova Iorque esclarecem que as dificuldades nesse campo não chegam a ser graves. Pelo menos um banco, o Marine Midland, cortou várias linhas de crédito esta semana ou aumentou tanto o *spread* para os negócios com o Brasil que os seus clientes brasileiros desistiram de fazer negócios. O Midland, que pertence ao Hong Kong-Shangai e tem 15% do Midland da Inglaterra, estaria entre os bancos mais preocupados com as perspectivas políticas brasileiras.

A maior parte dos pequenos problemas nas linhas de crédito comercial (comprometidas no chamado Projeto 4) é atribuída ao *clean up* de fim de ano: os credores costumam zerar nesta época as linhas abertas com os bancos brasileiros para financiar operações de comércio exterior, para reabri-las novamente, depois de ajustes contábeis. O problema é que estaria havendo atrasos na retomada das linhas de crédito, depois do *clean up*.

Também há certa preocupação com a situação das linhas de crédito interbancário, das quais dependem as agências dos bancos brasileiros no exterior. Banqueiros do Brasil disseram, porém, que suas operações não foram afetadas por esses pequenos problemas surgidos nos últimos dias, mas acham que as linhas de curto prazo tanto as comerciais quanto as interbancárias serão as primeiras a sofrer com uma eventual radicalização política do Brasil após a eleição.